

**PROJETO CULTURAL DE TEMÁTICA RACIAL: UMA ANÁLISE NA
ESCOLA MUNICIPAL GOIÁS EM MACAPÁ-AP**

**CULTURAL RACIAL THEMATIC PROJECT: AN ANALYSIS AT THE GOIÁS
MUNICIPAL SCHOOL IN MACAPÁ-AP**

*1 Piedade Lino Videira; ² Elivaldo Serrão Custódio; ³ Edilene Barreto Brandão;
4 Ednilza dos Santos Aragão; 5 Jaqueline Vila Costa

¹ Doutora em Educação pela Universidade Federal do Ceará (UFC). Professora da Universidade do
Amapá (UNIFAP), Campus Macapá, Amapá, Brasil.

² Doutor em Teologia pela Escola Superior de Teologia (Faculdades EST). Professor da Universidade do
Amapá (UNIFAP), Macapá, Amapá, Brasil.

³ Licenciada em Pedagogia pela Universidade do Amapá (UNIFAP), Campus Macapá, Amapá, Brasil.

⁴ Licenciada em Pedagogia pela Universidade do Amapá (UNIFAP), Campus Macapá, Amapá, Brasil.

⁵ Licenciada em Pedagogia pela Universidade do Amapá (UNIFAP), Campus Macapá, Amapá, Brasil.

*Autora para correspondência: e-mail: piedadevideira@bol.com.br

RESUMO

O presente artigo buscar analisar o projeto “Minha Identidade na Diversidade” da Escola Municipal Goiás localizada no Distrito de Coração, Macapá-AP, buscando entender de que maneira este projeto tem incidido no aprendizado dos estudantes acerca da história e expressões culturais/religiosidades locais com reflexos positivos na significação da autoestima positiva dos/as estudantes negros/as. Trata-se de uma pesquisa de cunho qualitativo, que teve como colabores: uma turma do 5º ano do ensino fundamental e outra da 3ª etapa da EJA, coordenadores do projeto, gestor da escola, dois professores das respectivas turmas e alguns moradores da comunidade local. Utilizou-se como instrumentos de coleta de dados a análise documental, questionário e entrevista semiestruturada. Como resultado, verificou-se que há um desconhecimento por parte de muitos estudantes acerca do projeto, sobre a cultura local, bem como os mesmos não se reconhecem como negros e/ou protagonistas de sua própria história.

Palavras-chave: Projeto Cultural. Identidade Negra. Lei 10.639/2003. Espaço escolar.

ABSTRACT

The present article seeks to analyze the project “My Identity in Diversity” (My Identity in Diversity) of the Goiás Municipal School located in the District of Coração, Macapá-AP, seeking to understand how this project has affected the students' learning about local history and cultural / religious expressions with positive reflexes in the meaning of positive self-esteem of black students. It is a qualitative research, which had as collaborators: a class from the 5th year of elementary school and another from the 3rd stage of EJA, project coordinators, school manager, two teachers from the respective classes and some residents of the local community . Document analysis, questionnaires and semi-structured interviews were used as data collection instruments. As a result, it was found that there is a lack of knowledge on the part of many students about the project, about the local culture, and they do not recognize themselves as black and / or protagonists of their own history.

Keywords: Cultural Project. Black Identity. Law 10.639 / 2003. School space.

1 INTRODUÇÃO

O presente trabalho tem como tema Contribuições dos Projetos Culturais para a Abordagem da Temática Racial nas Escolas: um olhar sobre o Projeto Minha Identidade na Diversidade da Escola Municipal de Ensino Fundamental Goiás. Localizada na Rua São Francisco de Assis, nº 62 – Distrito do Coração, tendo como sujeitos para análise duas turmas de estudantes, sendo uma do 5º ano e a outra da 3ª etapa da Educação de Jovens e Adultos (EJA), assim como também dois professores, o diretor e coordenadores do projeto e também três moradores do Distrito do Coração.

E em se tratando dos profissionais da educação, seus nomes serão preservados e apenas informaremos a função/cargo que eles exercem. Mas, em se tratando dos moradores da Comunidade do Coração, o critério será outro, ou seja, suas identidades, vozes e nomes serão revelados no trabalho, pois essas pessoas são os livros vivos portadores de informações, vivências sobre o local que lhes foram repassados pelos seus ancestrais através da oralidade. Nesta vertente o presente estudo pretende mostrar aspectos a respeito da origem do projeto, bem como sua relevância na construção da autoestima positiva dos estudantes negros da referida escola.

O trabalho tem como objetivo central analisar de que maneira o Projeto “Minha Identidade na Diversidade” tem incidido no aprendizado dos estudantes acerca da história e expressões culturais/religiosidades locais com reflexos positivos na significação da autoestima positiva dos/as estudantes negros/as. Pois, segundo o gestor da escola, o projeto foi criado devido aos comportamentos observados no ambiente escolar por parte dos estudantes, relacionados principalmente a sua cultura afro-amapaense.

Comungamos do entendimento de [1, p. 17], o qual afirma que “[...] conhecer as origens é fundamental para a ampliação da consciência social e histórica do povo brasileiro [...]”, e a escola como formadora de conhecimentos não pode menosprezar a importância da história dos étnico-raciais e indígenas como parte relevante do aprendizado de seus estudantes, ela deve ser um ambiente onde os mesmos possam ampliar seus conhecimentos, sem exclusão racial ou cultural.

Quanto à escolha do lócus da pesquisa, o processo ocorreu a partir de uma conversa informal que tivemos com o gestor da escola, porém nosso foco não era o projeto, já que de início não tínhamos conhecimento do mesmo, mas foi durante essa conversa que o gestor da escola nos relatou a seu respeito. Nesse momento surgiu em nós

o desejo de conhecer mais a fundo o projeto e seus reflexos na autoestima e na valorização da identidade étnico-racial dos estudantes.

Para tanto, os objetivos específicos que compõem nossa investigação são: investigar se com a realização do Projeto está havendo elevação na autoestima dos estudantes negros; verificar o que os estudantes sabem sobre a temática do projeto; observar se o projeto está trazendo retorno na valorização e aceitação da identidade negra dos estudantes; e elaborar uma proposta pedagógica voltada para as ações do projeto e conhecimentos referentes à comunidade.

Através dos resultados obtidos, almejamos com esta pesquisa oportunizar a comunidade escolar reflexão quanto aos projetos culturais desenvolvidos nas escolas, amapaenses principalmente relacionados à temática étnico-racial. A pesquisa é de natureza qualitativa, e para a coleta de dados utilizamos questionários e entrevista semiestruturada.

O trabalho estrutura-se em duas seções, além da introdução e considerações finais. Na primeira se detalha os procedimentos metodológicos da pesquisa e apresenta-se as bases conceituais e teóricas do trabalho, além de apresentar uma breve descrição do lócus da pesquisa. Na segunda seção, aborda-se o projeto “Minha Identidade na Diversidade”, contextualizando sua origem, trajetória e saberes. Por último, apresenta-se as considerações finais.

2 PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS DA PESQUISA

Por se tratar de estudo envolvendo seres humanos, nos apoiamos no que diz o estudo da Resolução nº 510/2016, que regula as diretrizes éticas para realização de pesquisas com seres humanos [2]. Entendemos que na realização de um estudo envolvendo seres humanos sempre devemos ser cautelosos e preservar ao máximo a imagem e identidade dos envolvidos, procurando respeitar e promover a satisfação dos mesmos.

No que concerne à tipologia da pesquisa, esta foi natureza qualitativa, justamente porque a pesquisa qualitativa está mais relacionada ao levantamento de dados ligados às motivações de um grupo, em compreender e interpretar determinados comportamentos, a opinião e as expectativas dos indivíduos de uma população, como ressalta [3, p. 59]: “[...] a abordagem qualitativa procura explicar a realidade através do estudo englobando a

complexidade dos problemas, sejam eles econômicos, culturais, educacionais, etc. [...]”. Optamos por este tipo de pesquisa por nos apresentar uma construção e ampliação das percepções que tínhamos antes do contato com nossos sujeitos.

Cabe, sobretudo, ressaltar que o desenvolvimento desta pesquisa se estruturou inicialmente no estudo bibliográfico que nos permitiu como investigadoras iniciantes um aprofundamento dos conceitos sobre Projeto Cultural, Autoestima de estudantes negros/as, Valorização da Tradição Oral, Cultura Negra, Lei n° 10.639/2003 e Identidade Negra na escola. Ainda, segundo [3, p. 69]:

A pesquisa bibliográfica é um estudo de documentos de domínio científico, que configuram-se em livros, enciclopédias, artigos científicos dentre outros que no mais, contribuíram na construção de uma análise da realidade sobre as relações raciais brasileira e assim nos permite analisar, problematizar e compreender o universo escolar.

Para não perder o foco que objetivamos alcançar, descrevemos sinteticamente sobre a origem e história do Distrito do Coração, embasadas por relatos de alguns pioneiros da comunidade, que através de suas oralidades transmitem a história do distrito de geração a geração.

Tomamos como bases referenciais os documentos: Constituição Federal de 1988, Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (LDB) n° 9.394/1996, Estatuto da Criança e do Adolescente (ECA), Leis n° 10.639/2003 e n° 11.645/2008, Diretrizes Curriculares Nacionais para a implementação da Lei n° 10.639/2003 e Parâmetros Curriculares Nacionais (PCNs). Construimos nossa pesquisa a partir das postulações metodológicas oferecidas por [4], [3], [1], [5], [6], [7], [7], [9], [10], dentre outros autores.

Para realização e obtenção de bons resultados com esta pesquisa utilizamos como instrumentos para coleta de dados a observação participante, a qual segundo [6, p. 28] “é chamada de participante porque parte do princípio de que o pesquisador tem sempre um grau de interação com a situação pesquisada”, afetando-a e sendo por ela afetado.

Já os documentos que foram utilizados são no sentido de contextualizar o fenômeno, explicitar suas vinculações mais profundas e completar as informações coletadas através de outras fontes. Consideramos relevante este instrumento, corroborando com a ideia de [6, p. 90] de que “o acesso a documentos escritos, sendo eles, artigos, livros, resenhas e até mesmo projetos, contribuem bastante para a formulação de conhecimento acerca da realidade do objeto pesquisado”. Esse contato

com os documentos pertencentes à escola sobre a temática investigada foi de extrema relevância para elaboração de nosso trabalho.

Lançamos mão também da aplicação de questionários pois, segundo [3], o questionário pode ser definido como uma técnica para obtenção de informações sobre sentimentos, crenças, expectativas, situações vivenciadas e sobre todo e qualquer dado que o pesquisador (a) deseja registrar para atender os objetivos de seu estudo.

Desta forma, almejando alcançar nossos objetivos, utilizamos também a entrevista semiestruturada como forma de investigação. Optamos pela entrevista pelo fato de a mesma oferecer oportunidades de maior interação com os entrevistados, pois de acordo com [3, p. 86] “à entrevista é um excelente aliado do entrevistador, pois, através da mesma é possível obter descrições detalhadas sobre o que almeja pesquisar, tendo inclusive a oportunidade de instigar o entrevistado para uma resposta mais composta”. Esse método fortaleceu a pesquisa de campo.

A investigação foi realizada na Escola Municipal de Ensino Fundamental Goiás, situada na Comunidade do Coração, na Rua São Francisco de Assis, nº 62 – Distrito do Coração, situada na Zona Oeste do Município de Macapá. O Distrito divide seus limites territoriais com a cidade de Macapá e o Município de Santana.

A comunidade foi criada com objetivo de atender a demanda dos moradores da Comunidade do Coração, em sua maioria, Afrodescendentes, advindos da capital Macapá de localidades próximas. A denominação da escola seguiu a filosofia da Prefeitura na década de 1960, em pleno Regime Militar, que identificava os estabelecimentos de ensino Municipais com nomes de estados do Brasil. Foi construída em uma área considerada zona rural, devido a sua localização geográfica ser afastada da área central da cidade de Macapá.

Segundo relatos do gestor, a escola foi construída em madeira no ano de 1966, em um terreno doado pela Sr.^a Maria Silva de Souza (moradora da comunidade e vizinha da escola), na Gestão do Prefeito Cabo Alfredo Oliveira, e em 01 de março do ano 1967 foi inaugurada para atender estudantes de 1º a 4º ano do ensino fundamental.

Figura 1 - Fachada da Escola Goiás



Fonte: Os autores.

Sua estrutura física inicial continha apenas num bloco, contendo 03 salas de aulas, cozinha, secretaria, direção, supervisão e 01 pátio para lanches. Em 1998 foi implantado o Ensino de 5º a 8º anos do ensino fundamental, atendendo a mudanças legais no processo de municipalização educacional, sendo que o município ficou com a responsabilidade de prover o ensino fundamental de 1º ao 5º ano, dando condições para a ampliação da EJA com a implantação, em 2014, das 3ª e 4ª etapas.

Desde a sua criação até a atualidade a escola já passou por várias ampliações e reformas, e atualmente, com construção mista (alvenaria e madeira), possui oito salas de aula, uma cozinha com despensa, uma biblioteca, uma sala multifuncional, uma secretaria, uma supervisão, uma direção, uma sala de professores e um Laboratório de Informática Educacional (LIED). Atualmente a escola possui 65 funcionários. Segundo o gestor da escola, nesse ano de 2017 a mesma atendeu 446 alunos de Ensino Fundamental e EJA.

Em suas instalações constam as seguintes dependências: 8 salas de aula, 01 cozinha com despensa, 01 biblioteca, 01 sala multifuncional, 01 secretaria, 01 supervisão, 01 direção, 01 sala de professores e 01 sala de laboratório de informática. O atual Diretor da Escola Goiás é morador do Distrito do Coração há mais de 05 anos, foi nomeado em 23/12/2011, e a atual Secretária Escolar foi nomeada em 18/06/2014. Segundo o gestor, nesse ano de 2018 a escola passará por reformas e, por isso, irá

funcionar em ambientes localizados próximos a escola, sendo que já iniciaram o ano letivo nesses locais.

Diante da dificuldade em questionar várias turmas da referida escola no período da tarde, o estudo foi realizado com a colaboração de duas turmas afim de tirar uma amostra para generalizar o universo da pesquisa. Assim, a pesquisa embasa-se em [11, p. 132]:

Como é praticamente impossível estudar uma população inteira, ou todo o universo dos elementos, escolhe-se determinada quantidade dos elementos de uma classe para objeto de estudo. Os sujeitos de uma pesquisa, ou seja, os elementos que serão investigados compõem uma *amostra* da população ou do universo.

Corroboramos então com a ideia do autor, pois percebemos que seria dificultoso atender mais de duas turmas. Então, como o projeto já está em sua sétima edição, escolhemos a turma composta por estudantes que possivelmente já teriam presenciado o projeto em outras edições, pois acreditávamos que eles teriam subsídios para colaborar com a pesquisa.

A primeira turma que aplicamos o questionário foi a turma 5º ano do turno da tarde, esta composta por 25 estudantes com faixa etária entre 10 e 13 anos, todos moradores do Distrito do Coração. Deste número de estudantes, somente 19 responderam ao questionário.

A outra foi a turma de 3ª etapa da EJA do turno da noite. Esta era composta por 12 estudantes, com faixa etária entre 16 e 22 anos. Nosso propósito era de construir um elenco de respostas diversificadas para que, assim, pudéssemos comparar as visões de estudantes com faixa etárias e anos de estudo distintos. Porém, no dia em que fomos aplicar o questionário apenas 08 alunos compareceram, e por sermos acadêmicas do turno da noite, foi difícil retornarmos na escola no terceiro turno.

Também ouvimos dois coordenadores do projeto, assim como também o diretor, dois professores titulares das turmas. Como queríamos também analisar sobre as raízes do Distrito no qual a escola está localizada, partimos à procura dos moradores pioneiros dessa comunidade, a fim de obter o máximo de relatos a respeito do local. Entrevistamos três moradores do Distrito, de Coração sendo eles: Raimunda Barros Da Costa (moradora da comunidade há 53 anos), Heitor Borges da Costa (reside no Distrito há mais de 60 anos) e Albery Amaral Flexa (morador de há mais 20 anos do Distrito de Coração).

2.1 Principais conceitos e definições utilizados na pesquisa

Para o desenvolvimento de um trabalho de temática racial, face o ponto forte da pesquisa, utilizamos o conceito de projeto cultural, pois para analisarmos com êxito nosso objeto de pesquisa (projeto da escola) precisávamos inicialmente conhecer minuciosamente como um projeto deve se desenvolver. Este conceito embasado por [12]. Identidade Negra [10] também foi um conceito que utilizamos em nossa pesquisa, face que o trabalho está inteiramente ligado a identidade dos alunos negros da escola.

Outro conceito que utilizamos foi o de Autoestima [8], pois, precisávamos compreender como que a autoestima de estudantes negros pode se desenvolver de maneira alta ou baixa e de que maneira o ambiente escolar interfere nesse desenvolvimento. Tradição Oral embasado por Pacheco [9] foi também um conceito de grande relevância para construção de nosso trabalho, pois construímos parte da segunda seção embasados em relatos orais dos moradores do Distrito do Coração, pelo fato do mesmo não possuir documento escrito que relate sua criação. E para abordarmos a temática racial é de suma importância inserirmos o conceito de Educação para as Relações Étnico-raciais – Lei n. 10.639/2003 ampliada pela Lei n. 11.645/2008, que trouxe para os diversos estabelecimentos educacionais a obrigatoriedade da temática "História e Cultura Afro-Brasileira". Portanto, cada um desses conceitos citados anteriormente foi primordial para construção de nossa pesquisa. Tratemos então de suas singularidades a seguir:

2.1.1 Projeto Cultural:

Para [12, p. 02]:

A Pedagogia de Projetos visa à ressignificação desse espaço escolar, transformando-o em um espaço vivo de interações, aberto ao real e às suas múltiplas dimensões. O trabalho com projetos traz uma nova perspectiva para entendermos o processo de ensino/aprendizagem. Aprender deixa de ser um simples ato de memorização e ensinar não significa mais repassar conteúdos prontos. Nessa postura, todo conhecimento é construído em estreita relação com o contexto em que é utilizado, sendo, por isso mesmo, impossível separar os aspectos cognitivos, emocionais e sociais presentes nesse processo. A formação dos alunos não pode ser pensada apenas como uma atividade intelectual. É um processo global e complexo, onde conhecer e intervir no real não se encontram dissociados.

Segundo [12], o trabalho por meio de projetos culturais é uma excelente iniciativa para se trabalhar diversas temáticas. Os principais colaboradores em sua

realização são sobretudo os estudantes, sendo deles a autonomia para participar das decisões, pois segundo a autora, os estudantes precisam estar inseridos de maneira direta, deixando de ser apenas um mero observador.

2.1.2 Identidade Negra

[10, p. 02] entende identidade negra como:

[...] uma construção social, histórica e cultural repleta de densidade, de conflitos e de diálogos. Ela implica a construção do olhar de um grupo étnico/racial ou de sujeitos que pertencem a um mesmo grupo étnico/racial sobre si mesmos, a partir da relação com o outro. Um olhar que, quando confrontado com o do outro, volta-se sobre si mesmo, pois só o outro interpela nossa própria identidade.

Desse modo, percebemos que a identidade negra não existe de forma isolada, ela é construída com base nos diálogos que temos com os indivíduos ao nosso redor, embasados na família, na escola e na sociedade. E dependendo das experiências adquiridas, os indivíduos aceitam ou renegam essa identidade.

2.1.3 Autoestima

[8, p. 8] escreve que é também na convivência familiar, religiosa e escolar que o homem adquire experiências que servem de base para superar os desafios que constantemente encontra. Ainda segundo a autora:

[...] este ensaio tem como objetivo apresentar as possibilidades que uma criança negra terá, a partir da escola, de construir a sua autoestima, poder se aceitar e ser aceito, gostar de si e ser “gostada”, de maneira que estes sentimentos reflitam, externamente, as compreensões que os sistemas de ensino têm sobre a diversidade.

Portanto, é no ambiente escolar que a criança negra, em contato com outras crianças, sejam elas brancas ou negras, irá aos poucos construindo sua identidade e autonomia. E dependendo dessas convivências ela pode ter uma autoestima elevada ou baixa, pois caso ela se sinta renegada por seus colegas ou professores, ela se tornará uma criança sem ânimo, e sua autoestima com certeza será prejudicada. Mas se acontecer o contrário, ela irá perceber que sua presença é desejada, tendo assim uma autoestima

elevada, e isso fará com que seu rendimento escolar seja bom, fazendo com que ela queira permanecer na escola.

2.1.4 Tradição Oral

Tradição oral ou conhecimento oral é a cultura material e tradição transmitida oralmente de uma geração para outra. As mensagens ou testemunhos são verbalmente transmitidos em discurso ou canção e podem tomar a forma, por exemplo, de contos, provérbios, baladas, canções ou cânticos. Conforme cita [9, p. 41]:

Reconhecer que a tradição oral é considerar que o patrimônio cultural brasileiro não se reduz ao que está escrito nos livros e, portanto, não é propriedade das pessoas alfabetizadas ou letradas. É considerar que o patrimônio cultural é também formado por um tesouro vivo de bens imateriais que são transmitidos oralmente em geração em diversas áreas do conhecimento, não apenas nas artes e na religião.

De acordo com a autora, é através da tradição oral que múltiplos saberes e conhecimentos são transmitidos de gerações a gerações, deixando de ser algo apenas que está contido no papel, tendo, portanto, a função de preservar histórias e de garantir às novas gerações o conhecimento de seus antepassados. Para muitos grupos a oralidade é a única forma de resgatar e preservar sua ancestralidade, pois poucas pessoas sabiam escrever, ficando a escrita muitas vezes relegada a um plano secundário em relação às preocupações essenciais da sociedade.

2.1.5 Lei nº 10.639/2003

A Lei que altera a LDB nº 9.394/1996, estabelece as diretrizes e bases da educação nacional, para incluir no currículo oficial da Rede de Ensino a obrigatoriedade da temática "História e Cultura Afro-Brasileira", e dá outras providências. Estabelece:

Artigo 26-A Nos estabelecimentos de ensino fundamental e médio, oficiais e particulares, torna-se obrigatório o ensino sobre História e Cultura Afro-Brasileira.

§ 1º O conteúdo programático a que se refere o caput deste artigo incluirá o estudo da História da África e dos Africanos, a luta dos negros no Brasil, a cultura negra brasileira e o negro na formação da sociedade nacional, resgatando a contribuição do povo negro nas áreas social, econômica e política pertinentes à História do Brasil.

§ 2º Os conteúdos referentes à História e Cultura Afro-Brasileira serão ministrados no âmbito de todo o currículo escolar, em especial nas áreas de Educação Artística e de Literatura e História Brasileiras [13, p. 1].

A presente lei fez-se necessária para garantir uma valorização cultural das matrizes africanas que formam a diversidade cultural brasileira. Portanto, os professores exercem um importante papel no processo de luta contra o preconceito e a discriminação racial no Brasil, porém são necessárias várias adaptações e iniciativas para que a Lei nº 10.639/2003 ganhe força e efetivação no ambiente escolar.

Fundamentadas nos argumentos dos autores referentes ao nosso objeto de estudo e a partir de um olhar crítico sobre a temática racial e a obrigatoriedade estabelecida pela legislação, partimos a campo para coleta de nossos dados empíricos. Na seção seguinte apresentaremos um apanhado da história do Distrito do Coração, pois é uma medida que se faz necessária, já que este é o local onde a escola está localizada, então saber da história do mesmo é primordial para nosso estudo. Abordamos, sobretudo, o projeto “Minha Identidade na Diversidade” realizado no ano de 2017; levantamos também uma rápida análise das edições anteriores do projeto.

3 PROJETO CULTURAL: MINHA IDENTIDADE NA DIVERSIDADE

O objetivo desta seção é descrever o Projeto Minha Identidade na Diversidade em si e também o que levou a equipe pedagógica da escola a escrever e realizar um projeto dessa natureza. No ano 2017 o projeto teve como subtema: “*50 anos de educação que liberta*” pelo fato da escola estar completando nesse ano 50 anos de existência. De início iremos sintetizar o que foi abordado nos anos anteriores, e posteriormente abordar o projeto realizado em 2017, no qual nossa pesquisa se aprofundou.

Este projeto, como já citado anteriormente, é uma iniciativa da Escola Goiás, situada no Distrito do Coração. Antes da apresentação das edições do projeto, iremos fazer uma abordagem da comunidade e suas singularidades, a qual conseguimos de acordo com relatos orais de alguns moradores: o Sr. Albery Flexa (atual presidente do Distrito), Sr. Heitor (um dos pioneiros do Distrito) e a Sra. Rosângela (proprietária do Quilombo de Artes Tapuia).

O Sr. Heitor é um dos moradores mais antigo da Comunidade do Coração, é analfabeto devido à falta de oportunidades e a vida dura que teve na infância, e trabalha desde os 8 anos de idade. Ele conta que a comunidade iniciou sua formação social com

uma única família composta por 8 pessoas que possuíam casas separadas, todos oriundos da família Costa.

Os senhores Albery e Heitor concordam que:

No início tudo era difícil no Distrito e a maioria das pessoas não tinham emprego, dependendo assim de seu próprio trabalho, da plantação de mandioca, produção de farinha, tucupi, tapioca, esses alimentos eram oriundos da roça que os mesmos cultivavam, e com a venda desses alimentos conseguiam sobreviver.

Relatam ainda que as pessoas eram solidárias umas com as outras, partilhavam os alimentos. A comunidade não possuía escola, policiamento e nem posto médico, mas os sujeitos/colaboradores asseguram que naquela época as pessoas viviam tranquilamente, sem o medo de serem furtadas; segundo eles isso obviamente mudou com o tempo, pois a comunidade cresceu e com ela também cresceram os perigos. Quanto ao povoamento e expansão, Albery afirma:

Com o passar dos anos a comunidade foi crescendo então, os primeiros moradores os donos, eles começaram a doar terras, para as pessoas que vinham de fora né. [Eles] queriam se estabelecer aqui, faziam amizade com os moradores antigos, os donos das terras, e aí com esse relacionamento de amizade faziam com que eles doassem um pedaço de terra [para si]. A pessoa se estabelecia, construía sua casa e assim a comunidade foi crescendo.

Segundo Albery, foi através de diversas doações de terras que a população do Distrito cresceu de forma significativa, hoje em dia é uma comunidade bastante populosa, na qual há uma grande diversidade populacional.

Em uma de nossas entrevistas ficamos sabendo que o local tem um Museu de Artes, este chamado Quilombo de Artes Tapuia, o qual segundo Albery, já existe há bastante tempo na comunidade e seu principal recurso para produção de artesanatos é a natureza, é dela que as artesãs reaproveitam os utensílios para fabricação de suas peças artesanais.

Interessamo-nos de imediato pelo lugar, e depois de algumas tentativas, conseguimos conversar com a proprietária do Museu, a Artesã Rosângela Nascimento Costa da Silva, de 56 anos de idade. Foi acadêmica da primeira turma de Designer do Estado Amapá, pelo Centro de Ensino Superior do Amapá (CEAP) em 1989, sendo a única da turma que conseguiu o Diploma.

O primeiro questionamento que fizemos a dona Artesã foi sobre o motivo que levou à construção de um museu. Ela disse que “como tem muita gente desempregada na comunidade, o Quilombo de Artes Tapuia foi pensado justamente para tentar amenizar essa falta de emprego, pois é um meio de renda, uma renda para a comunidade”. E segundo essa moradora, o mesmo não recebe nenhuma ajuda do Governo ou qualquer outro órgão. Diz que é com seus próprios suores que conseguem manter o lugar.

As peças são fabricadas com elementos reaproveitados da natureza como sementes de açaí, escama de peixes, o próprio couro do peixe, palhas, entre outros. Até que fiquem prontas para uso, os produtos passam por um processo de preparação, no qual são lavados e escovados, de modo que não fique nenhuma sujeira ou cheiro (no caso das escamas de peixe) neles. Em visita ao Quilombo Tapuia tivemos contato com as sementes de açaí e as escamas de peixes, ambas bem limpas e lavadas, prontas para produção dos artesanatos. De início analisaremos a cronologia dos projetos de anos anteriores e, posteriormente, abordaremos de maneira mais detida o projeto ocorrido no ano de 2017, o qual observamos e participamos da culminância.

De acordo com o gestor da escola, este projeto nasceu em 2010, idealizado pelos coordenadores pedagógicos da escola, a Sra. Sueli Matos e o Sr. Aguinaldo Gonçalves. A ideia de um projeto com essa temática surgiu quando os coordenadores perceberam a ausência da valorização da cultura local e também da própria identidade negra por parte dos educandos no ambiente escolar. Logo, seu principal objetivo era estimular esse olhar diferenciado nos estudantes professores, servidores não-docentes, pais e direção da Escola Goiás, para as características históricas e culturais da Comunidade do Distrito do Coração.

A execução do projeto, segundo o gestor, apesar de ter sido escrito no ano de 2010, o projeto só teve sua primeira execução dois anos mais tarde (2012), e teve como tema: *Projeto: minha identidade na diversidade 2012: O reconhecimento da própria identidade, bem como a percepção e a identificação da diversidade étnica e cultural no mundo atual.*

Segundo o gestor da escola, o referido projeto sempre foi trabalhado no decorrer do ano, sendo feita sua Culminância no mês de novembro. Acontece nesse mês pelo fato de coincidir com o encerramento do ano letivo e também para que os estudantes tenham tempo de se prepararem teórica e materialmente para a realização da “Gincana de Encerramento”. Isto porque o projeto, diferente dos projetos que estávamos acostumados

a ver durante nossos anos de escola, com exposições, apresentações de trabalhos, danças temáticas, entre outras atividades, tem sua culminância através de uma gincana, na qual as turmas são separadas e designadas a realizarem múltiplas tarefas, tendo no final uma equipe campeã.

Segundo o gestor, como a primeira edição foi um sucesso em 2012, no ano seguinte o projeto realizou-se novamente com o tema *Minha Identidade na Diversidade 2013: "Identidade Afroamapaense: Viver com Liberdade"*. O projeto visou contribuir com a troca de experiências educacionais, a valorização das boas práticas pedagógicas, e para o reconhecimento da importância histórica dos saberes das comunidades tradicionais. A escola convidou moradores para contar suas histórias de vida na comunidade do coração, destacando como era a vida no passado e na atualidade, dizendo o que mudou para melhor ou piorou na vida dos moradores do Coração. As atividades ocorreram nos dias 25 a 29 de novembro de 2013, no turno da tarde da Escola Goiás.

Em 2014 o projeto teve como tema: *Coração de Estudante 2014: "Educar! Um ato de amor"*. No referido ano o projeto visou contribuir com a troca de experiências educacionais, a valorização das boas práticas pedagógicas, e para o reconhecimento da importância do amor ao próximo. No ano seguinte, 2015, o projeto foi intitulado *Coração de Estudante 2015: "Unidos Somos Mais Fortes!"*. Neste ano o projeto visou abordar o quanto a união é importante, e como juntos somos mais fortes. Em 2016 o projeto teve como tema *Coração de Estudante 2016: "Todos Somos Iguais nas Diferenças!"*. Segundo o gestor, nesse ano o projeto abordou que "ninguém é igual a ninguém", todos possuímos diferenças, estas que são únicas de cada indivíduo. E que, portanto, não devem ser "apedrejadas" ou excluídas pela sociedade.

Trazer para discussão a importância e relevância de projetos culturais voltados para a temática étnico-racial no ambiente escolar, e mostrar como ele pode vir a impactar diretamente a maneira como indivíduos e demais participantes são inseridos e respeitados é um privilégio desafiador. Pois, mesmo tendo conhecimento que valorizar a diversidade no ambiente escolar seja competência das instituições educacionais, devendo obedecer aos dispositivos legais que regem a educação brasileira, entre estes, a Lei nº 10.639/2003, que alterou a LDB nº 9.394/1996, Art. 26-A, e estabeleceu a obrigatoriedade do ensino da História e Cultura Afro-brasileira e Africana na educação, sabemos que nunca é algo fácil, levando em consideração a falta de preparo e aceitação por parte de muitas pessoas.

No decorrer do estudo percebemos que trabalhar com projetos no ambiente escolar é uma maneira interessante e diversificada de abordar uma temática envolvendo um público alvo de todas as idades. Observamos também que, para que se consiga alcançar os resultados, tem-se que envolver diretamente todos os indivíduos, pois como salienta [12, p. 5]:

Os projetos são processos contínuos que não podem ser reduzidos a uma lista de objetivos e etapas. Refletem uma concepção de conhecimento como produção coletiva, onde a experiência vivida e a produção cultural sistematizada se entrelaçam, dando significado às aprendizagens construídas. Por sua vez, estas são utilizadas em outras situações, mostrando, assim, que os educandos são capazes de estabelecer relações e utilizar o conhecimento apreendido, quando necessário.

Portanto, trabalhar com projetos é uma estratégia que, de certo modo, busca transformar a escola em um ambiente livre, principalmente para a comunidade, onde seja possível que haja a troca aprendizagens e conhecimentos, de forma que os costumes e tradições não sejam esquecidos e de modo que todos os participantes se sintam à vontade para dar suas contribuições.

Dando sequência na análise dos projetos, a partir de agora abordaremos a edição do projeto de 2017 que teve como título: *Projeto Minha Identidade na Diversidade 2017: “50 anos de educação que liberta”*, o qual focamos de maneira profunda pelo fato de termos tido a oportunidade de acompanhar mais de perto. Segundo o gestor da escola, “a intenção de criar esse projeto foi justamente a inserção da Lei nº 10.639/2003, e também para diminuir a questão do preconceito que estava demais, principalmente contra os estudantes negros”. Muito embora o gestor assegure que isso aconteça, durante entrevista com um professor da escola observamos que existe controvérsia na fala do gestor. Para preservar a identidade do colaborador, de acordo com a conformidade da Resolução nº 510/2016, chamaremos o professor entrevistado de P1.

Quando questionado se ele percebia o envolvimento espontâneo por parte dos alunos, ele falou que “A grande maioria sim, mas hoje o projeto não foi direcionado a todos os públicos”. Ainda segundo ele, esse já é o segundo ano que os estudantes dos fundamentais I e II não são inseridos ativamente no projeto, apenas os alunos da EJA têm participado de maneira ativa no mesmo. O que realmente podemos observar nas fotos dos anos anteriores e também quando estivemos presente na Culminância do ano de 2017.

A versão do projeto em tela, realizada em 2017, objetivava ações voltadas para o social, tais como: conviver com respeito às diferenças de qualquer natureza; compartilhar as responsabilidades do trabalho em equipe, com vistas ao propósito de superação de deficiências de rendimento; cooperar com a ação coletiva, sem perder a necessidade de valorização da atividade individual; e estimular o interesse pela memória da comunidade, valorizando sua riqueza étnica e cultural.

Quando o indivíduo tem suas características respeitadas, ele tem uma valorização na sua autoestima, pois segundo [8, p. 10], “[...] um aluno não é igual ao outro. Nem mesmo aqueles que ‘se parecem’ iguais”. E isso fortalece o vínculo do estudante com a escola, fortalece a convivência com seus colegas, pois precisamos ensinar que ser diferente não é defeito, muito menos motivo para se afastar ou discriminar alguém. E a escola deve ser o caminho para uma transformação social, uma melhor qualidade de vida, isso pode ser possível caso o estudante se reconheça como parte integrante de uma comunidade e na busca pelo progresso da mesma.

Sendo assim, nesse ano letivo de 2017, os coordenadores elegeram como subtema do projeto: “Jubileu de ouro”, porque a escola este ano estará completando 50 anos e serão desenvolvidas diversas ações que visam valorizar as características culturais da comunidade escolar. Os trabalhos foram planejados e designados para que as equipes realizassem isso sob a orientação de um professor ou professora, utilizando-se de vários recursos metodológicos. Isso traz diversas possibilidades metodológicas como entrevistas, registros fotográficos, poesias, charges, enfim, cabe aos professores a adequação de acordo com o assunto.

As ações designadas para os envolvidos realizarem no decorrer do ano letivo de 2017 para concretização do projeto foram as seguintes: religiosidade local, atividade artesanal, agricultura familiar, atividade industrial, atividade comercial, alterações ambientais, festividades tradicionais, identidade étnica, concurso de poesias, concurso de vídeos originais sobre as ruas ou lugares do distrito do coração, concurso de fotos antigas sobre a comunidade, edição 2017 do livro “memórias do coração: a origem do lugar” através de uma linguagem escrita e ilustração infantil, gincana coração de estudante 2017: “50 anos de educação que liberta”.

Como observamos, nessas ações, o mesmo é formulado por eixos que se distanciam bruscamente da temática racial, e de 13 ações programadas no projeto, apenas 03 trabalham a temática racial, buscando a valorização da identidade dos indivíduos

envolvidos, sendo elas: Religiosidade Local, Festividades Tradicionais e Identidade Étnica. Algo que sem dúvida merece um olhar mais direcionado, já que o foco do projeto é justamente a valorização da identidade racial dos estudantes negros.

Quanto a inserção dessas ações nas aulas dos professores existe, portanto, uma controvérsia nas falas dos atuais coordenadores do projeto e do gestor, pois de acordo com o gestor os professores trabalham mensalmente as temáticas abordadas no projeto, porém, a seguir apresentamos as respostas dos coordenadores do Projeto diante da seguinte indagação.

Qual foi o critério para a escolha dos conteúdos ministrados pelos professores? Como respostas obtemos que: C1: Cada professor, de acordo com suas demandas curriculares adequará as temáticas ao projeto no ano 2017; C 2: Os professores trabalham de acordo com suas disciplinas.

Observamos, então, que os relatos dos sujeitos envolvidos estão sem sincronia, pois podemos perceber que talvez os professores titulares das turmas não buscam inserir em seus planejamentos os assuntos listados no projeto, e somente os mencionam quando o momento permite. Isto, à luz de [14, p. 69], não poderia acontecer, pois:

As propostas pedagógicas, sem dúvida, devem ser planejadas pelos professores em toda a faixa etárias. Como já foi afirmado, a ação educativa não se efetiva pela improvisação. É essencial a intencionalidade educativa do professor, agindo, analisando e replanejando os próximos passos.

Neste sentido, ressaltamos a importância do planejamento, da orientação e do acompanhamento pedagógicos para nortear a prática do docente, pois é através deste que o professor pode definir os caminhos que serão traçados. Além disso, sem um planejamento em diversas vezes os professores ficam perdidos, deixando suas aulas até mesmo sem coesão, regida pela improvisação, o que acaba muitas das vezes os prejudicando.

Desde nosso primeiro contato com o gestor da escola sempre nos foi relatado que desde sua primeira realização, em 2012, nenhum segmento da mesma deixou de participar do projeto. Porém, em conversa com o professor de matemática, nos foi relatado que não foi exatamente isso que aconteceu em edições passadas. Quando questionamos o professor se a participação dos estudantes no projeto era espontânea, ele respondeu que: “a grande maioria sim, mas hoje o projeto não foi direcionado a todos os públicos”. Ainda segundo o professor:

O maior envolvimento atualmente é dos alunos do 3º turno da escola, estes pertencentes às turmas da modalidade de EJA. O que é muito triste, pois o descontentamento racial não ocorre apenas nesses alunos, e a melhor maneira de disseminá-lo é justamente desde a infância, pois é o momento em que a criança está absorvendo múltiplos conhecimentos e que, portanto, devemos ter bastante cuidado.

É importante que todos os segmentos participem do projeto, pois se acontece o contrário, o cumprimento da Lei nº 10.639/2003 torna-se parcialmente atingido, pois de acordo com a mesma:

O papel da educação infantil é significativo para o desenvolvimento humano, para a formação da personalidade e aprendizagem. Nos primeiros anos de vida, os espaços coletivos educacionais os quais a criança pequena frequenta são privilegiados para promover a eliminação de toda e qualquer forma de preconceito, discriminação e racismo. As crianças deverão ser estimuladas desde muito pequenas a se envolverem em atividades que conheçam, reconheçam, valorizem a importância dos diferentes grupos étnico-raciais na construção da história e da cultura brasileiras [13].

Não podemos selecionar algumas faixas etárias que devem ser inseridas no cumprimento da lei, pois é desde pequenas que as crianças devem ser orientadas sobre as consequências de discriminar alguém ou também quando for discriminado. E o papel dos professores nesse processo de educação é importantíssimo. A escola precisa valorizar a diversidade cultural, a troca de experiências, o respeito e, dessa forma, ajudar desconstruir os estereótipos racistas, existente no ambiente escolar.

Muito embora o projeto já exista na escola há exatos seis anos, observamos uma grande lacuna quanto à sua trajetória. O gráfico abaixo, por exemplo, mostra claramente essa lacuna na turma do 5º ano do ensino fundamental, na qual foram entrevistados 20 estudantes com faixa etária entre 10 e 13 anos de idade, todos moradores do Distrito do Coração. Quando perguntados sobre o projeto, 95% dos estudantes disseram desconhecer a finalidade do mesmo, chegando a dizer que o professor não aborda a temática em sala de aula. Constatamos isso nas nossas observações, pois durante elas não víamos o professor abordar algo da temática racial ou sobre o projeto. O que nos leva a refletir que esses estudantes, juntamente com vários outros, não estão sendo inseridos no projeto.

Um estudante da referida turma, o qual para preservar sua identidade, identificaremos como Colaborador 10, ao ser questionado sobre o aprendizado adquirido no projeto respondeu: “Não sei, nunca vi”. E mesmo quem já participou dele (os 5%), não sabem dizer o que aprendeu com o mesmo e nem qual sua importância. Levando-nos

a pensar que esses estudantes não assimilaram o verdadeiro foco do projeto: Valorização da Identidade na Diversidade. O mais triste é que esses estudantes já estudam na escola mais de dois anos, e que por isso deveriam ter um bom conhecimento do projeto, da sua temática, ações e conceitos-chave. Portanto, acreditamos que compete aos professores juntamente com toda comunidade escolar buscar novas práticas pedagógicas para instigar esses estudantes, caso contrário, estes estudantes não terão interesse pelo mesmo, como nos diz [12, p. 5]:

É preciso que os alunos se apropriem desses novos conteúdos, e para isso a intervenção do professor é fundamental, no sentido de criar ações para que essa apropriação se faça de forma significativa. Isso poderá ser feito a partir da organização de módulos de aprendizagem, em que o professor irá criar atividades visando a um tratamento mais detalhado e reflexivo do conteúdo.

Portanto, deve acontecer uma ação conjunta entre professor e estudantes, sendo que o professor deve sempre ter estratégias para fazer com que seus educandos interajam inseridos nos conteúdos debatidos em sala de aula, de maneira que os saberes trazidos por eles sejam todos inseridos na discussão. Dessa forma, o educando se sentirá como parte da sociedade, se sentirá valorizado e com certeza assimilará com mais facilidade os conteúdos expostos.

Observamos no questionário respondido pelos 20 estudantes da turma do 5º ano que ainda existe uma lacuna quanto à autoafirmação dos alunos negros, pois quando perguntados sobre sua cor/etnia, a maioria deles (14 alunos) disseram ser pardos. De acordo com [15, p. 5], isso talvez seja consequência de uma sociedade preconceituosa, onde se “estabelece os meios de categorizar as pessoas e o total de atributos considerados como comuns e naturais para os membros de cada uma dessas categorias”. Ou seja, as pessoas muitas vezes são rotuladas por outras pessoas simplesmente pela cor da pele ou situação social.

Os dados ainda revelam que destes 20 alunos, 16 não se reconhecem como negros, quando respondem ser pardos ou morenos. Vale ressaltar que essas legendas foram elaboradas de acordo com as respostas dos alunos nos questionários, sendo que o mesmo não era composto por respostas de múltipla escolha, e sim dissertativo.

Mesmo sendo negros, levando em consideração o fenótipo, dos 20 estudantes, apenas um disse ser negro, o que vemos como uma grande barreira para a comunidade escolar, pois a auto aceitação é um fator primordial para que se tenha bons resultados

ligados à temática racial. Pois, sabemos que essa auto aceitação depende muito do meio em que as pessoas vivem, e se você conviver com pessoas que se amam pelo que são, sua pele, seu cabelo, seu corpo etc., você com certeza construirá uma identidade positiva.

Acreditamos que para que a escola tenha resultados positivos no combate contra as discriminações e preconceitos existentes entre os estudantes no âmbito escolar, o primeiro passo a se pensar é justamente a auto aceitação dos mesmos. Nesse sentido, [7, p. 83], enfatiza que a “cor da pele é um dos atributos que categorizam os indivíduos, determinando a sua localização social”. Então, talvez seja por isso que alguns dos estudantes desta turma ainda não se reconheçam como negros, talvez eles queiram livrar-se dos estereótipos negativos que sempre existiram contra as pessoas de pele negra. Mesmo não sendo adultos eles podem ter medo de enfrentar a sociedade preconceituosa, pois em algum lugar eles já podem ter escutado sobre esse preconceito.

4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

A pesquisa realizada contribuiu de forma relevante em nossa formação no aspecto de compreender a legislação e a importância de garantir aos estudantes nas instituições educacionais meios para trabalhar o desafio da pluralidade e a diversidade social, cultural e racial. A cada passo que demos, a cada assunto abordado, grande foi a importância para a nossa experiência no desenvolvimento de um trabalho de iniciação científica. Por certo todo esse percurso contribuiu muito para nossa vida acadêmica e teve uma grande importância para o nosso processo de formação profissional, já que este é constituído em um treinamento o qual possibilita a nós estudantes vivenciarmos o que foi aprendido e apreendido durante o curso de Pedagogia.

Conseguimos observar que, mesmo com a realização do Projeto, os estudantes da Escola Goiás ainda não demonstram valorizar a cultura local, a identidade racial e a história da Comunidade do Distrito do Coração, o que, ao nosso ver, é algo que precisa ser revisto pela comunidade escolar, já que o projeto também foca essa valorização. Verificamos que grande parte dos estudantes por nós entrevistados não conhece o projeto e, portanto, permanece com um discurso racista, desconhecendo e negando sua etnia negra, vindo a prejudicar a valorização e aceitação da sua identidade negra.

Concluimos que a educação étnico-racial deve ser incentivada em todos os estabelecimentos de ensino, independentemente da faixa etária dos estudantes. Assim, é

necessário lembrarmos que precisamos avançar muito, à medida que esta pesquisa nos permitiu apenas um mergulho inicial, mas explicativo sobre a educação étnico-racial junto à história e cultura africana e afro-brasileira nas salas de aula. Logo, a importância dessa temática é para além do reconhecimento da contribuição do povo negro na sociedade brasileira, ela serve para nos alertar de nossos atos e consequências geradas ao repetirmos ações preconceituosas e excludentes no ambiente escolar.

REFERÊNCIAS

- [1] PEREIRA, A. M. **África: para abandonar estereótipos e distorções**. Belo Horizonte: Nandyala, 2012.
- [2] BRASIL. Ministério da Saúde. Conselho Nacional de Saúde. **Resolução nº 510, de 07 de abril de 2016**. Disponível em: <<http://conselho.saude.gov.br/resolucoes/2016/reso510.pdf>>. Acesso em: 05 out. 2017.
- [3] OLIVEIRA, M. M. **Como fazer pesquisa qualitativa**. 2. ed. Petrópolis: Vozes, 2008.
- [4] VIDEIRA, P. L. **Marabaixo, dança afrodescendente: significando a identidade étnica do negro amapaense**. Fortaleza: UFC, 2009.
- [5] GIL, A. C. **Como elaborar projetos de pesquisa**. 4. edição. São Paulo: Atlas, 2010.
- [6] ANDRÉ, M. E. D. A. **Etnografia da prática escolar**. 14. ed. Campinas: Papirus, 2008.
- [7] SILVA, C. D. **Negro, qual é o seu nome?** 2. ed. Belo Horizonte: Mazza, 1995.
- [8] ROMÃO, J. **Por uma educação que promova a auto-estima da criança negra**. 2. ed. Brasília: 2001.
- [9] PACHECO, L. Pedagogia GRIÔ. **A Reinvenção da Roda da Vida: Ponto de Cultura Grãos de Luz e Griô**. Lençóis, Bahia: Ministério da Cultura – Programa Cultura Viva, 2007.
- [10] GOMES, N. L. Educação e Identidade Negra. **Revista Aletria: alteridade em questão**, Belo Horizonte, POSLIT/CEL, Faculdade de Letras da UFMG, v. 06, n. 09. dez/2002. Disponível em: <<http://ideario.org.br/wp/wp-content/uploads/2013/10/nilma-lino.pdf>>. Acesso em: 24 jan. 2018.
- [11] ANDRADE, M. M. de. **Introdução à Metodologia do trabalho científico**. 9. ed. São Paulo: Atlas, 2009.
- [12] LEITE, L. H. A. Pedagogia de Projetos: Intervenção no Presente. **Presença Pedagógica**, Belo Horizonte, v. 2, n. 8, 1996. Disponível em:

<<https://edufisescolar.files.wordpress.com/2011/03/pedagogia-de-projetos-de-lc3bacia-alvarez.pdf>>. Acesso em: 26 jan. 2018.

[13] BRASIL. Lei nº 10.639, de 9 de janeiro de 2003. Altera a Lei no 9.394, de 20 de dezembro de 1996, que estabelece as diretrizes e bases da educação nacional, para incluir no currículo oficial da Rede de Ensino a obrigatoriedade da temática “História e Cultura Afro-Brasileira”, e dá outras providências. **Diário Oficial da União**. Brasília, DF, 10 jan. 2003. Disponível em:

<http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/2003/110.639.htm>. Acesso em: 25 jan. 2018.

[14] HOFFMAN, J. **Avaliação e educação infantil**: um olhar sensível e reflexivo sobre a criança. 18º ed. Porto Alegre: Moderna, 2012.

[15] GOFFMAN, E. **Estigma**: notas sobre a manipulação da identidade deteriorada. Coletivo Sabotagem, 2004.